



OS CHINESES SE MOVEM

1,3 BILHÃO EM AÇÃO

A primeira e mais óbvia constatação em relação aos chineses é a de que eles são muitos: 1,3 bilhão de pessoas, 20% da humanidade, sete vezes a população do Brasil. Olhado de qualquer ângulo, é um número impressionante que ao longo da história despertou reverência, alimentou teorias conspiratórias e estimulou a imaginação de homens de negócio fascinados com o que poderia ser o maior mercado consumidor do mundo.

No século XVIII, Napoleão aconselhou seus pares a deixarem a China dormindo. “Quando a China acordar, ela vai balançar o mundo.” No século seguinte, o potencial impacto da demanda chinesa nutriu a fantasia dos mercadores ingleses, que buscavam compradores para os produtos de sua indústria nascente. Pelos seus cálculos, se cada chinesa aumentasse a barra de seus vestidos em 2,5 centímetros, isso seria suficiente para sustentar as fábricas de lã e linho das ilhas britânicas durante décadas.

Mais recentemente, o “perigo amarelo” se tornou uma obsessão para Mafalda, a personagem criada pelo cartunista argentino Quino, que se perguntava se a terra se moveria literalmente se todos os chineses saltassem ao mesmo tempo e se preocupava com o fato de eles trabalharem do outro lado do mundo no momento em que todos dormiam no Ocidente.

Mafalda teve suas dúvidas nos anos 1970, quando a população da China ainda era de setecentos milhões e o país vivia de costas para o mundo sob o comando de Mao Tsé-tung¹ (1893-1976). Três décadas depois, no início do século XXI, os chineses já eram 1,3 bilhão e não precisaram dar um pulo coletivo para balançar o mundo.

Outra constatação menos óbvia para nossa visão de mundo eurocentrista é a de que os chineses foram a grande potência mundial durante a maior parte da história. Quando o Brasil foi descoberto, em 1500, o então Império do Meio era a maior economia do mundo e respondia por 25% do PIB global. Esse percentual subiu para 33% no começo do século XIX, quando tem início o processo de decadência do país.



Esquina da rua Nanjing de Xangai, em um domingo de inverno. A enorme população é tema central para a China, que tem 1,3 bilhão de habitantes, o equivalente a 20% da humanidade ou sete vezes a população do Brasil.

Os chineses são muitos há muito tempo, o que alimentou a fantasia de mercadores ao longo dos séculos.

Aos olhos chineses, os últimos duzentos anos de supremacia ocidental são a exceção, não a regra. Coerente com essa concepção, os mapas-múndi exibidos nas paredes de Pequim mostram a China, e não a Europa, no centro do mundo.

Além de serem muitos, os chineses existem há muito tempo. A identidade cultural dos habitantes do antigo Império do Meio começou a se formar há pelo menos quatro mil anos e se perpetuou de maneira surpreendente até os dias de hoje. A consciência de que fazem parte de uma civilização milenar é transmitida de geração a geração há séculos e sobreviveu ao violento ataque à tradição liderado por Mao Tsé-tung.

Mais venerada entre as tradições filosóficas e políticas do país, o confucionismo é o principal elemento que garantiu a continuidade da organização social e dos valo-



Chineses jogam cartas em parque da cidade de Lijiang, na província de Yunnan, no sudoeste do país. A vida na China não ocorre entre quatro paredes, mas nas praças, ruas e parques, onde os moradores se reúnem para dançar, praticar *tai chi chuan*, fazer ginástica, conversar, cantar ou jogar.

res chineses, com sua ênfase nas relações familiares, no respeito aos mais velhos, na valorização da hierarquia e na defesa da moralidade e da benevolência por parte dos governantes. Confúcio (551 a.C.-479 a.C.) transformou o culto aos ancestrais em um ponto central de seus ensinamentos e, dessa forma, colocou o vínculo com o passado na vida cotidiana dos chineses.

Mas talvez o mais extraordinário seja o fato de que os chineses não se parecem em nada com a imagem que nós temos de uma suposta placidez, silêncio e contenção orientais. Eles são tão ou mais ruidosos que os brasileiros, manifestam sua curiosidade sem restrições, adoram dançar e cantar, são extremamente gregários, têm paixão pelo jogo e devoção pela boa comida. Até os funerais são barulhentos, com música e fogos de artifício para espantar os maus espíritos. O calendário local é marcado por



As casas das antigas ruelas de Pequim não são equipadas com banheiros e os moradores usam toaletes públicos. A maioria deles não tem vasos sanitários ao estilo ocidental e exigem a posição de cócoras de seus usuários. Nas portas, placas anunciam para os turistas o que os aguarda.

festivais, que são pretextos para grandiosas celebrações em grupo, realizadas em geral ao redor de mesas fartas.

A vida no país não ocorre entre quatro paredes, mas ao ar livre. Praças, parques, calçadas e *hutongs* (área residencial tradicional de Pequim, com estreitas ruelas) estão sempre cheios de pessoas que se reúnem para conversar, cantar, jogar, dançar, fazer ginástica, praticar *tai chi chuan*, caminhar e manter vivas algumas das antigas tradições do país, como as danças do leque ou da espada. O amanhecer nas cidades chinesas é marcado pela visão de grupos de amigos e vizinhos que se exercitam em conjunto. No início da noite, praças se transformam em salões de baile, com casais que dançam uma espécie de tango chinês. Os que quiserem podem chacoalhar ao som de músicas mais agitadas, em grupos nos quais todos executam a mesma coreografia.



Bandeiras vermelhas tremulam na Praça da Paz Celestial, o coração político da China, onde estão a Cidade Proibida, o Congresso Nacional do Povo, o Museu Nacional e o mausoléu de Mao Tsé-tung. Abaixo aparece o painel que fazia a contagem regressiva para a Olimpíada de Pequim, realizada em agosto de 2008.

O fato de serem muitos também molda uma relação especial com a privacidade, e os chineses fazem na rua coisas que, no Ocidente, habitam o universo doméstico. Não é raro encontrar um casal passeando de pijama e chinelo ao cair da tarde, alguém lavando o cabelo na calçada ou pessoas comendo em qualquer lugar. Nos *hutongs*, as residências não têm banheiro e os moradores utilizam casas de banho e toaletes públicos. Nos bairros frequentados por turistas, há o aviso de que os sanitários exigem que o usuário fique de cócoras, a posição preferida dos chineses quando a natureza chama.

O vermelho é a cor por excelência da China, a ponto de marcar nos painéis eletrônicos as ações que estão em alta na Bolsa de Valores, enquanto o verde indica os papéis que estão em baixa, exatamente o contrário do que ocorre no Ocidente. O uso de roupas íntimas vermelhas no Ano-Novo chinês é altamente recomendado e as seções de *lingerie* dos supermercados ficam cheias de calcinhas, sutiãs, cuecas e meias carmim. Os vestidos de noiva dos casamentos chineses tradicionais também são vermelhos, mas a ocidentalização recente está levando à expansão no uso do branco, cor associada à morte na China e utilizada nos velórios e enterros.

A preferência é bem anterior à Revolução Comunista de 1949, quando o vermelho passou a ser também a marca do poder, em substituição ao amarelo do período imperial. A cor tinge a bandeira do país e a do Partido Comunista e está presente nas cortinas, tapetes e poltronas do plenário do Grande Palácio do Povo, onde ocorrem os grandes encontros da elite governante. Os chineses gostam do vermelho há mais de dois mil anos e associam a cor ao sol, à sorte e à felicidade.

O Ano-Novo na China não é celebrado na noite entre 31 de dezembro e 1º de janeiro. Aliás, não há uma data fixa para a festa, que cada ano cai em um dia diferente, entre 21 de janeiro e 20 de fevereiro, dependendo do calendário lunar. O Ano-Novo começa no primeiro dia do primeiro mês lunar e é a festa mais importante para os chineses e vários outros habitantes da Ásia, como japoneses, coreanos e vietnamitas. Também chamado de Festival de Primavera, por marcar o início da estação, o Ano-Novo chinês provoca o maior deslocamento de pessoas da face da Terra, com milhões viajando por todo o país para reencontrar suas famílias.

Apesar da civilização milenar, os chineses sofrem de uma crônica falta de modos, reconhecida oficialmente e combatida por campanhas promovidas pelo governo. Nos meses que antecederam a Olimpíada de Pequim, furar a fila, cuspir no chão e jogar lixo na rua passaram a ser tratados como gestos impatrióticos, que poderiam denegrir a imagem do país diante do mundo.

A melhor medida do grau de preocupação da elite governante com os bons modos é a existência de uma espécie de “departamento de etiqueta” dentro do Partido Comunista, batizado com o inacreditável título de Comitê Diretivo da Civilização

Espiritual. Preocupado com a imagem que os chineses projetam no exterior, o comitê divulgou em 2006 um guia para orientar o crescente número de pessoas que fazem viagens internacionais. O *China Daily*, jornal editado pelo Conselho de Estado, divulgou a notícia sob o título “Dica de viagem: não envergonhe seu país”, que trazia uma lista de práticas que deveriam ser evitadas, como falar alto, emitir sons para limpar a garganta em público e fazer ruído ao comer.

A gentileza está ausente do convívio urbano. Carros não respeitam pedestres, motoristas não dão passagem a outros e homens não seguram a porta para mulheres passarem. Ninguém espera o elevador ficar vazio para depois entrar. Os que estão dentro muitas vezes apertam o botão que fecha a porta assim que o elevador para em um andar intermediário, antes que as pessoas que esperam o tenham alcançado. O metrô no horário de pico é um Deus nos acuda e as pessoas falam no celular aos berros, como se estivessem sozinhas em suas casas.

Claro que tudo isso é uma imensa generalização, mas quem está fazendo campanha por “bons modos” é o próprio governo chinês. Alguns sociólogos sustentam que a falta de refinamento no comportamento público tem origem no longo período em que o país foi comandado por Mao Tsé-tung, entre 1949 e 1976. Nessas quase três décadas, a etiqueta era vista como algo burguês e um instrumento da classe dominante para oprimir os pobres. Essa concepção chegou ao auge na Revolução Cultural (1966-1976), durante a qual milhares de estudantes foram enviados à zona rural para aprender com os camponeses. Os hábitos rudes estavam em alta e qualquer gesto de refinamento poderia ser interpretado como um desvio pequeno-burguês e punido com sessões de humilhação pública, a prisão ou a morte.

Além das campanhas pela polidez, o fim dos anos de materialismo histórico e ideologia maoísta permitiu o renascimento da enorme superstição dos chineses e a retomada de práticas milenares, como o *feng shui*, a numerologia, a astrologia e a consulta a videntes. Também levou à reabilitação do confucionismo, que Mao Tsé-tung tentou arduamente dizimar durante três décadas. A reverência ao antigo filósofo é tanta que suas ideias substituíram o marxismo-leninismo e o maoísmo no discurso oficial. O Partido Comunista de hoje não prega a luta de classes nem a revolução permanente, mas busca a construção de uma “sociedade harmônica”, uma das ideias mais caras a Confúcio.

A INVASÃO CHINESA

Até bem pouco tempo, a China parecia um país exótico e distante, que poucos se dariam o trabalho de conhecer. Para os esquerdistas dos anos 1960 e 1970, era a terra

do grande timoneiro Mao Tsé-tung, que levou milhões de camponeses a adotarem o comunismo em uma revolução heroica. Os que tinham uma perspectiva histórica mais longa viam a nação dona de uma civilização milenar e de um passado glorioso que havia sido relegada à insignificância na era contemporânea.

De repente, a China bateu às portas do mundo e entrou de maneira avassaladora nas nossas vidas, por meio de produtos industrializados baratos que revolucionaram o consumo e a estrutura de produção globais. O país distante ficou ainda mais próximo a partir de 2001, quando a China entrou na Organização Mundial do Comércio e passou a ser relevante para todos os temas que importam no mundo, do aquecimento global ao jogo de poder no cenário internacional, passando pela alta nos preços do petróleo, da soja e do minério de ferro. Não dá para entender o mundo de hoje e o que será o mundo de amanhã sem entender a China e sua crescente integração à economia global.

A velocidade e a amplitude das transformações vividas pelos chineses a partir de dezembro de 1978 não têm paralelo na história. Naquela data, Deng Xiaoping conseguiu convencer seus camaradas do Partido Comunista de que o país precisava aderir às regras de mercado, se abrir ao mundo e abraçar a globalização. Nas três décadas seguintes, a China percorreu uma trajetória meteórica rumo ao grupo das grandes potências mundiais. No período de pouco mais de dois anos, entre dezembro de 2005 e o início de 2008, o país saiu da sétima posição entre as maiores economias do mundo e chegou ao terceiro lugar, deixando para trás Itália, França, Inglaterra e Alemanha. À sua frente, só estão Japão e Estados Unidos. Se mantiver seu ritmo de crescimento, a China chegará ao topo do *ranking* antes de 2030.

Quando o processo de reforma foi lançado, a soma das exportações e importações da China representava menos de 1% do comércio global, percentual semelhante ao abocanhado pelo Brasil na mesma época. Quase três décadas depois, em 2007, o país asiático estava em segundo lugar no *ranking* dos exportadores, com 8,8% dos embarques mundiais, e ocupava a terceira posição na lista dos importadores, abocanhando 6,7% das compras totais. Naquele ano, o fluxo de comércio da China com o restante do mundo somou US\$ 2,174 trilhões e seu superávit comercial alcançou US\$ 262 bilhões, cifra próxima dos US\$ 288 bilhões que resultavam da soma das exportações e importações brasileiras no período. A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o clube dos países mais ricos do mundo, prevê que a China será a maior potência comercial do globo em 2010.

O antigo Império do Meio tem armas nucleares desde 1964 e é um dos cinco países com assento permanente no Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU). Em 2003, a China entrou para um clube ainda mais restrito, ao

se tornar o terceiro país a enviar uma missão tripulada ao espaço, depois de Estados Unidos e Rússia. Agora, se prepara para superar os norte-americanos na corrida espacial e ser responsável pela próxima viagem do homem à Lua. Na avaliação da Nasa, se mantiver o atual ritmo de desenvolvimento de seu programa espacial, os chineses terão condições de mandar uma missão tripulada à Lua em 2017 ou 2018, antes da expedição dos Estados Unidos, prevista para 2020.

Para completar as credenciais de grande potência, a China ficou em primeiro lugar no número de medalhas de ouro na Olimpíada de Pequim, com 51 vitórias, bem à frente das 36 conquistadas pelos norte-americanos. Foi a primeira vez em sete décadas que a liderança dos Jogos não ficou nem com os Estados Unidos nem com a Rússia-URSS. Se para nós a transformação parece vertiginosa, imagine o que ela significa para quem a vive por dentro. Os chineses que hoje consideram o enriquecer glorioso corriam o risco de morrer ou serem enviados a campos de trabalho forçado se mostrassem qualquer gesto de sofisticação pequeno-burguesa durante a Revolução Cultural, que começou em 1966 e só terminou com a morte de Mao Tsé-tung, em 1976. Hoje, substituíram a ideologia comunista pela consumista e os novos emergentes trocaram a vida de privações pela exibição irrestrita da riqueza.

VIAGEM AO OESTE

Isolados do mundo até três décadas atrás, os chineses abraçam com voracidade os hábitos ocidentais. Redes de *fast-food* se multiplicam, os jovens trocam o chá pelo café, danceterias reverberam ao som de música eletrônica, redes de hipermercados se expandem, shopping centers brotam em todo o país e carros ocupam rapidamente o lugar das bicicletas. A internet é um modo de vida para os jovens urbanos que nasceram depois dos anos 1980 e sua paixão pelo mundo virtual levou a China a assumir a liderança no *ranking* global do número de pessoas conectadas à rede de computadores no início de 2008, com 220 milhões de usuários, comparados a 210 milhões nos Estados Unidos. Um ano mais tarde, o número de internautas chineses já estava em 300 milhões.

A mesma explosão ocorre com os telefones celulares, setor no qual a China detém a liderança global há mais tempo. No início de 2009, havia 640 milhões de celulares no país e a empresa de consultoria BDA prevê que a cifra deverá quase dobrar até 2012, chegando a 965 milhões, com 7 milhões de novos assinantes a cada mês. Os aparelhos parecem uma extensão do corpo dos jovens, que estão quase o tempo todo teclando mensagens de texto; em 2007, os chineses trocaram nada menos que 592 bilhões de torpedos.



Chinesa é maquiada em um dos shoppings de luxo de Pequim. A vaidade reprimida durante o maoísmo se manifesta sem restrições: a venda de cosméticos explodiu junto com o crescimento econômico e o ideal de beleza ocidental é buscado em milhares de cirurgias plásticas para arredondar os olhos, afinar o nariz e aumentar os seios.

A ocidentalização também influencia o ideal de beleza. A China experimenta um surto de cirurgias plásticas, com milhares de pessoas buscando ter olhos maiores, nariz mais fino e seios fartos. As clínicas promovem seus serviços com propaganda ostensiva e meios heterodoxos, como *reality shows*. Hao Lulu se tornou uma celebridade depois de se submeter a 14 cirurgias, no período de seis meses, cujos resultados eram mostrados nas telas de TV de todo o país. Com custo estimado de US\$ 37,5 mil, as operações foram patrocinadas pela clínica que as realizou, em uma jogada de marketing para promover sua imagem. No fim do processo, em 2004, Hao tinha novos olhos, nariz, queixo, seios, abdome, nádegas, pernas e uma pele mais clara.

Os programas de TV que mostravam as cirurgias se multiplicaram, entre eles a cópia do norte-americano “I Want a Famous Face”, no qual os candidatos se submetem a intervenções para ter um rosto parecido ao de uma pessoa famosa. Em todos eles, mulheres competiam para ganhar um pacote gratuito de plásticas, desde que concordassem em ter milhares de espectadores para as cirurgias e se comprometessem a ver o resultado ao vivo, diante das câmeras de TV. A popularidade dos programas não impediu que eles fossem proibidos pelos censores em agosto de 2007.

As razões que levam os chineses a realizar cirurgias plásticas vão muito além da busca de um ideal de beleza e refletem o grau de ambição e competição que impera na sociedade. A maioria acredita que as mudanças em seus rostos vão aumentar as chances de sucesso profissional, que se tornou uma obsessão nacional.

A vaidade reprimida durante os anos de Mao se manifesta agora sem nenhuma restrição. Lojas de cosméticos com todas as marcas internacionais povoam os shoppings e oferecem cremes para branquear a pele do rosto, a aspiração máxima das chinesas urbanas, que querem se distanciar da pele queimada de sol dos camponeses. Manicures, salões de beleza e spas estão em todos os lados e as academias de ginástica nos moldes ocidentais atraem uma multidão de jovens que buscam músculos definidos.

Vistos antes como símbolo da degradação feminina e proibidos até 2003, os concursos de beleza se transformaram em uma instituição nacional, acompanhados por milhões de espectadores. A ilha de Hainan, no sul do país, é o local por excelência para realização dos eventos e sediou quatro dos cinco concursos Miss Mundo realizados desde 2003. No de 2007, a vencedora foi a chinesa Zhang Zilin, a primeira representante do Leste Asiático a ganhar o título. As disputas são populares a ponto de ganharem as páginas do *Diário do Povo*, o sisudo jornal do Partido Comunista, e do *China Daily*, editado pelo governo.

Fora de Hainan, há uma infinidade de concursos de beleza, para todos os públicos, de aeromoças à terceira idade. Em 2004, o entusiasmo pelas operações plásticas e a paixão pelas misses se encontraram na primeira disputa destinada exclusivamente a pessoas que tivessem realizado cirurgias para mudar a aparência. O Miss Beleza Artificial



Starbucks e Armani: consumir cafés na rede norte-americana se transformou em símbolo de *status* dos emergentes chineses, dispostos a pagar por uma pequena xícara o suficiente para uma refeição em um restaurante barato de Pequim.

teve 19 finalistas, com idades de 17 a 62 anos, entre as quais estava um transexual, Liu Xiaojing, que até 2001 era um homem. Para participar da disputa, todos tiveram que apresentar atestados médicos comprovando que haviam realizado plásticas. A vencedora foi Feng Qian, que recorreu ao bisturi para aumentar seus olhos, afinar suas bochechas e diminuir a cintura.

Com mais dinheiro no banco, os chineses também podem se dar o luxo de ter animais de estimação e é cada vez mais comum ver pessoas passeando com seus cachorros nas grandes cidades. Pelo menos em Pequim, ter um bichinho em casa não é barato. Os donos devem registrar seus cachorros na delegacia de polícia e pagar uma taxa de US\$ 140 ao ano para mantê-los. Também existe uma política de “cachorro único” na cidade e é proibido ter mais de um animal. A capital chinesa ainda limita o tamanho dos cães, que não podem ter altura superior a 35 centímetros.



Restaurante KFC na Wangfujing, a principal rua comercial de Pequim. A rede norte-americana conquistou os chineses com seus baldes de asinhas de frango e se tornou um dos lugares preferidos para o primeiro encontro de namorados. A rede tinha 1,7 mil restaurantes na China no início de 2008.

Os chineses inventaram o chá e o transformaram na bebida mais consumida em todo o mundo depois da água. Mas o símbolo da ascensão social da nova China é o café, especialmente se for consumido em uma das dezenas de lojas da rede norte-americana Starbucks que brotam em todo o país. O sucesso na China ultrapassou as mais otimistas previsões dos executivos da companhia e em breve o país asiático será o maior mercado da rede fora dos Estados Unidos. Jovens profissionais lotam os Starbucks e pagam por um café cerca de US\$ 2,50, mais do que muitos chineses gastam em uma refeição.

A Coca-Cola conseguiu superar a milenar tradição que veta bebidas geladas nas refeições, em razão da crença de que elas dificultam a digestão e devem ser evitadas. A China já é o quarto mercado da companhia e, antes de 2010, deve superar o Brasil e subir para a terceira posição.

As redes de *fast-food* multinacionais também fincam suas bandeiras nas cidades chinesas. Com seus baldes de asas de frango, o KFC é de longe a mais bem-sucedida, a ponto de muitos homens chineses considerarem suas lanchonetes um ótimo lugar para levar uma garota no primeiro encontro. A empresa norte-americana tinha 1,7 mil restaurantes na China no início de 2008 e abria um novo a cada dia.

O principal concorrente do KFC é o McDonald's, o primeiro *fast-food* a se instalar na China, em 1992. A chegada a Pequim de um dos ícones do *american way of life* se transformou em símbolo da disposição do Partido Comunista de se render à globalização e às leis de mercado. Na época, a loja de Pequim era a maior do McDonald's no mundo, com setecentos lugares, e seu primeiro dia de funcionamento atraiu uma multidão de 13 mil pessoas.

Em resposta ao enorme crescimento do mercado automobilístico na China, o McDonald's abriu sua primeira loja *drive-through* em dezembro de 2005, na província sulista de Guangdong. Dois anos depois, havia 16 lanchonetes desse tipo no país e os chineses ainda estavam aprendendo a se relacionar com a novidade: cerca de 20% dos clientes pediam os lanches dentro dos carros, encontravam um lugar para estacionar e entravam nas lojas para comer. "Eles querem ter a experiência completa", disse em 2006 o CEO (Chief Executive Officer) do McDonald's na China, Jeff Schwartz.²

O inglês acompanha a invasão dessa legião estrangeira e hoje há mais pessoas na China estudando o idioma do que a população inteira dos Estados Unidos. O país é o mercado de mais rápido crescimento para a English First, uma das grandes multinacionais no ensino de idiomas, com expansão de 50% ao ano a partir de 2005. Bill Fisher, presidente da empresa na China, avalia que o governo passou a estimular o ensino da língua como uma forma de aumentar a competitividade econômica do país, que nesse quesito ficava em desvantagem quando comparado à vizinha Índia.

O basquete é o jogo mais popular entre os jovens e a celebridade mais poderosa do país é o jogador Yao Ming, uma das estrelas da NBA dos Estados Unidos, onde joga no Houston Rockets. De acordo com a revista *Forbes*, Yao ganhou US\$ 56,6 milhões em 2007, valor que inclui seu salário e o que recebeu em campanhas publicitárias para marcas como Coca-Cola, Visa, Apple e McDonald's. O basquete também garantiu o quarto lugar no *ranking* da *Forbes* de 2008 ao jogador Yi Jianlian, que em 2007 entrou para a liga da NBA, jogando para o Milwaukee Bucks. O segundo lugar do *ranking* da *Forbes* de 2008 era ocupado por outro atleta, Liu Xiang, vencedor da medalha de ouro nos 400 metros com barreira na Olimpíada de Atenas, a primeira do gênero conquistada por um asiático.

Outro sinal da americanização da China é o sucesso de musicais da Broadway, que arrastam legiões de fãs a cada apresentação em Pequim, Xangai e capitais do interior

do país. Espetáculos como *Cats*, *O fantasma da ópera* e *O rei leão* começaram a ser apresentados em solo chinês a partir de 2003 e, nos anos seguintes, conquistaram um público expressivo. O sucesso é tanto que um grupo empresarial anunciou no início de 2009 a construção da Broadway de Pequim, que terá 32 teatros e receberá investimentos de US\$ 686 milhões. O complexo deverá estar concluído até 2014 e os empreendedores esperam que ele receba cem musicais por ano.³

Vistos como diabólicas criações do imperialismo ianque há três décadas, Mickey Mouse e Pato Donald são mais do que bem-vindos na China de hoje. A Walt Disney e o governo de Xangai fecharam um acordo para a construção da primeira Disneylândia do país, que deverá estar pronta em 2014 e consumirá investimentos de US\$ 3,6 bilhões. O empreendimento ocupará uma área de dez quilômetros quadrados e será oito vezes maior que o parque inaugurado pela Disney em Hong Kong em 2005 e criticado pelos turistas da China continental por ser pequeno demais.

AS CIDADES MUTANTES

A rápida ascensão econômica levou a uma radical mudança no cenário urbano e na infraestrutura de transportes da China. Shenzhen, no sul do país, tinha 310 mil habitantes em 1979 quando foi escolhida para ser a primeira Zona Econômica Especial autorizada a receber investimentos estrangeiros e a funcionar fora da economia planificada. Nas três décadas seguintes, teve o mais espetacular crescimento da China e passou a ser o endereço de 12 milhões de pessoas, um aumento populacional de 3.800%.

Mas a imagem que melhor representa a rapidez das transformações é a de Pudong, a Zona Econômica Especial criada em Xangai em 1990, que hoje tem escritórios de quase todas as empresas que frequentam a lista das maiores do mundo da *Fortune 500*. Nenhum dos arranha-céus que formam o *skyline* de Pudong existia em 1990 e a área era basicamente rural, com algumas esparsas construções. O projeto do Partido Comunista era concluir em dez anos a construção do que é hoje a mais moderna região da China. O ritmo foi estabelecido pelo então líder supremo do partido, Deng Xiaoping: “um novo visual a cada ano e profundas mudanças a cada três anos”.

A área de 530 quilômetros quadrados se transformou no maior canteiro de obras do mundo. Em dez anos, foram investidos cerca de US\$ 15 bilhões em infraestrutura, que incluíram um aeroporto internacional, linhas de metrô, portos, túneis, pontes, energia, sistema de aquecimento, ruas e o Maglev, o trem mais rápido do mundo, que anda a 430 km/h e é movido por impulsos eletromagnéticos, o que faz com que ele flutue nos trilhos. Todos esses projetos e a maioria dos arranha-céus que compõem

o *skyline* de Pudong estavam concluídos no ano 2000. Hoje a região tem 1,6 milhão de habitantes e é o centro financeiro e comercial da China. O sonho do governo de Pequim é que Pudong transforme a cidade de Xangai na grande referência econômica da Ásia, à frente de Tóquio e de Hong Kong.

Apesar de concentrado na próspera costa leste, o ritmo frenético de mudança ocorre em todo o país, na medida em que cidades se transformam e o governo investe bilhões de dólares na construção da infraestrutura necessária para sustentar o crescimento anual médio de 10,6% registrado desde 1978. A partir dos anos 1990, a China construiu uma rede de autoestradas de 53,6 mil quilômetros, que é menor em extensão apenas à existente nos Estados Unidos (67 mil quilômetros). Só em 2008, o governo investiu US\$ 50 bilhões em novas ferrovias, o equivalente a mais de dois terços dos US\$ 72 bilhões gastos no setor nos cinco anos anteriores. Na avaliação do Banco Mundial, este é o maior programa de ferrovias da história mundial desde o século XIX, quando elas eram o principal meio de transporte.⁴

As viagens aéreas são cada vez mais frequentes e a China vive um *boom* de construção de aeroportos. Entre 1990 e 2006 foram inaugurados 47. Outros 45 devem ser levantados até o fim de 2010 e mais 52 na década seguinte. Além disso, dezenas de aeroportos ao redor do país passam por reformas de expansão, enquanto o tráfego aéreo se multiplica em ritmo nunca antes visto na história mundial. Em 1985, a China tinha 7 milhões de passageiros ao ano, número que equivale à metade da capacidade máxima de Congonhas, o mais movimentado aeroporto do Brasil. Até 1993, as pessoas só podiam comprar passagens aéreas depois de obter autorização de seus empregadores estatais. Com o crescimento econômico, o volume de passageiros explodiu e chegou a 185 milhões em 2007.

Seis meses antes da Olimpíada de 2008, Pequim inaugurou um imenso terminal internacional e já se preparava para construir um novo aeroporto na cidade. Projetado pelo arquiteto britânico Norman Foster, o Terminal 3 de Pequim é um dos maiores edifícios do mundo e sua área supera a soma de todos os terminais do aeroporto de Heathrow, em Londres. Sua fachada tem quase oitocentos metros de largura e seu comprimento chega a três quilômetros.

Voar com os chineses pode ser divertido ou extremamente irritante, dependendo de seu estado de espírito. Como em todas as situações em que estão em grupo, eles tendem a ser ruidosos nos aviões. Não é raro que levem comida a bordo e são absolutamente impacientes. Assim que o avião pousa, já se começa a ouvir o ruído de cintos de segurança sendo desafivelados. Antes que o avião pare, muitos se levantam para pegar a bagagem de mão e ligar seus celulares, para desespero das aeromoças, que gritam para que todos permaneçam sentados. A maioria obedece, mas já peguei voos em que passageiros desafiadores se recusaram a seguir a orientação.



Pudong, a nova região de Xangai. Nenhum dos prédios da foto existia até 1990, quando a área foi transformada em uma Zona Econômica Especial. Nos dez anos seguintes, US\$ 15 bilhões foram investidos na construção da infraestrutura de Pudong, que tem um aeroporto internacional e um dos trens mais rápidos do mundo, o Maglev.

A MEMÓRIA DIZIMADA

A fúria transformadora na qual a China está mergulhada avança muitas vezes com o sacrifício do patrimônio histórico e de milhares de famílias que perdem suas casas ou terras e recebem indenizações insuficientes para comprar outra propriedade. A apropriação de áreas rurais para projetos urbanos e industriais é uma das principais fontes de descontentamento no campo, onde inúmeros protestos ocorrem a cada ano.

Em Pequim, milhares de pessoas foram obrigadas a sair das casas onde suas famílias viveram durante décadas ou séculos, para dar lugar a novos arranha-céus e largas avenidas. Quarteirões inteiros carregados de história são destruídos em questão de dias

e muitas das construções antigas da cidade deixaram de existir. Pequim era a mais bem preservada capital imperial do mundo quando sua transformação começou, em 1949, ano em que os comunistas venceram a guerra civil e Mao Tsé-tung decidiu derrubar as muralhas que ainda cercavam toda a cidade.

Mesmo com a disposição de Mao de acabar com os vestígios “feudais” de Pequim, grande parte das tradicionais áreas residenciais que ficavam no coração da cidade sobreviveu até o fim do século xx, quando passaram a ser demolidas para dar espaço a novos edifícios. Construídas ao longo de setecentos anos de história, elas são formadas por fileiras de casas com pátios internos, com estreitas ruas, que são chamadas de *hutongs*.

Até o fim do Império, em 1911, os *hutongs* localizados a leste e a oeste da Cidade Proibida eram habitados pelos funcionários públicos de alto escalão, que formavam a elite do país. Cada família ocupava uma das casas de quatro lados (*sibeyuan*) em torno de um pátio interno. No mais proeminente vivia o patriarca e, nos outros lados, seus filhos e respectivas famílias. Na parte ao sul da Cidade Proibida, fora das muralhas, ficava outro grupo de *hutongs*, mais desalinhados e com casas menores, onde se hospedavam os viajantes que passavam pela capital. Chamada de Qianmen, a região abrigava tavernas, pousadas, prostíbulos e os artistas que apresentavam espetáculos da Ópera de Pequim e malabarismo para os que estavam de passagem.

Com o período de caos vivido depois de 1911, os habitantes dos *hutongs* empobreceram e o espaço onde viviam foi dividido por um número cada vez maior de famílias, tendência que se intensificou depois da Revolução Comunista. Hoje, grande parte deles está degradada e pais e filhos dividem casas com apenas dois cômodos que não passam de vinte metros quadrados. A cozinha fica em um corredor estreito compartilhado por várias famílias e o banheiro é comunitário. Apesar disso, muitos dos moradores só abandonam os *hutongs* sob força policial. Em setembro de 2003, um homem chamado Wang Baoguang morreu depois de atear fogo a seu próprio corpo em protesto contra a destruição de sua antiga casa. Outro, Ye Guoqiang, tentou suicídio ao se atirar de uma ponte, pelo mesmo motivo.

Os *hutongs* não são apenas construções antigas e únicas: eles representam uma forma de vida, marcada pela íntima convivência entre seus moradores. Caminhar pelos *hutongs* de Pequim é ser transportado a um tempo que está ruindo sob os guindastes das grandes construtoras. As ruas estreitas estão sempre cheias de pessoas que conversam, jogam baralho ou xadrez, comem ou cozinham na calçada, vão aos pequenos mercados da vizinhança ou simplesmente passeiam de pijamas no fim da tarde. O ritmo da vida nos *hutongs* é muito mais lento que o do restante da cidade, sensação reforçada pelo fato de que o tráfego de carros é quase inexistente.



Os *hutongs* de Pequim são uma extensão das casas das pessoas. Os banheiros são comunitários e não é raro ver chineses de pijama nas ruas, como o da foto. Muitos dos *hutongs* têm séculos de história e começaram a ruir na feroz remodelação pela qual a capital chinesa passou na preparação para a Olimpíada de 2008.

A escolha da capital chinesa como sede da Olimpíada de 2008, anunciada em 2001, colocou a cidade antiga de Pequim na mira dos grandes empreendedores imobiliários. No Congresso Nacional do Povo de 2004, os líderes comunistas aprovaram um megaprojeto de remodelação urbana, considerado o maior realizado em uma cidade já existente. O objetivo era transformar a antiga capital imperial em uma megalópole do século XXI, comparável a Nova York e Londres, com investimentos de no mínimo US\$ 40 bilhões. Na época da aprovação do plano, especialistas independentes avaliaram que seriam necessários US\$ 100 bilhões para implementação da proposta.⁵

A Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) estimou em 2005 que dois terços dos 62 quilômetros quadrados de *hutongs* que existiam no coração de Pequim haviam sido destruídos nos vinte anos anteriores. Com eles, milhares de casas com pátio interno que durante séculos abrigaram várias gerações da mesma família. Também se foram muitos dos mil templos que existiam na região. Cerca de 1,5 milhão de pessoas tiveram que deixar suas casas entre 2000 e 2007, segundo estimativa do Centre on Housing Rights and Evictions, entidade com sede em Genebra. “Em Pequim, e na China em geral, o processo de demolição e desocupação é caracterizado pela arbitrariedade e pela ausência de um procedimento legal adequado”, afirma a entidade.

Nos anos seguintes ao da aprovação do plano de remodelação, Pequim embarcou em uma transformação de escala e velocidade inéditas, na qual edifícios e quarteirões são destruídos em questão de semanas, enquanto outras construções surgem em um período contado em meses. Moradores da cidade são constantemente surpreendidos com novas avenidas e canteiros de obras e muitos dizem não reconhecer regiões que deixaram de ver por períodos não maiores que um ano. Quem esteve em Pequim no início da década e voltou quatro anos depois ficou assombrado com a extensão da mudança, que continua a ocorrer. O projeto aprovado em 2004 prevê que a transformação deve estar concluída até 2020.

Eu morei na capital chinesa entre março de 2004 e março de 2005, em uma nova região chamada Central Business District (CBD), que está sendo completamente remodelada. No período de um ano, vi surgir do outro lado da rua um enorme condomínio com sete edifícios residenciais, que estavam quase prontos na época do meu retorno ao Brasil. Quando voltei a morar em Pequim três anos depois, a região havia mudado novamente e contava com um shopping center de luxo, três torres comerciais, dois hotéis cinco-estrelas, outros condomínios residenciais e novos prédios em construção no lugar dos antigos. A metamorfose ocorre de maneira tão veloz que a prefeitura de Pequim tem que atualizar o mapa da cidade a cada três meses.⁶



A Olimpíada já passou, mas Pequim continua mergulhada em inúmeras construções grandiosas, com as quais se transforma em uma metrópole de ar ocidental. As obras são levantadas em tempo recorde por um exército de operários que recebem menos de US\$ 200 por mês e trabalham de domingo a domingo.

As autoridades da capital estabeleceram em 2002 um plano de conservação de 25 áreas históricas, mas há pouco empenho na preservação dos *hutongs*, vistos por muitos dos tecnocratas comunistas como símbolo do passado que eles querem deixar para trás, da tradição imperial à pobreza que marcou a maior parte do século xx. Com a aproximação da Olimpíada e o aumento do número de turistas estrangeiros, os burocratas perceberam que os *hutongs* são uma das principais atrações locais, tendo em vista sua carga histórica e vestígios que carregam da China antiga. Os que sobreviveram passaram por uma feroz restauração e cada vez mais são endereço de restaurantes, bares e lojas moderninhos, que com o tempo tendem a expulsar os moradores locais com a inflação de preços que provocam e a descaracterização de seu estilo de vida.

OS PALÁCIOS OLÍMPICOS

Na corrida para se transformar em uma cidade internacional e assombrar o mundo durante a Olimpíada, Pequim também construiu edifícios emblemáticos, cuja grandiosidade, ousadia e modernidade refletem a imagem que a potência ascendente quer ter. Todos os projetos foram concebidos por arquitetos estrangeiros consagrados, escolhidos em concursos internacionais badaladíssimos.

As estrelas arquitetônicas da Olimpíada são o Ninho de Pássaros, como é conhecido o Estádio Olímpico, e o Cubo D'Água, apelido dado ao Centro Aquático Nacional. O primeiro foi projetado pela dupla suíça Jacques Herzog e Pierre de Meuron, vencedores em 2001 do Prêmio Pritzker, a mais alta distinção da arquitetura mundial, comparável ao Nobel ou ao Oscar. O escritório Herzog & de Meuron tem obras em diferentes partes do mundo e foi responsável pela renovação da usina de eletricidade que abrigaria a Tate Modern, em Londres.

O Cubo D'Água parece uma piscina suspensa no ar, formada por centenas de bolhas de diferentes tamanhos. O projeto foi desenvolvido pelo escritório australiano PTW em conjunto com a empresa britânica de engenharia Arup e utiliza um material revolucionário, o ETFE, uma fina membrana de plástico flexível, que é inflada com ar por dentro para ganhar o formato de bolhas.

Fora do cenário esportivo, a cidade levantou três edifícios impactantes, que impressionam mesmo os que não se sentem particularmente atraídos por sua estética. O que bate todos os recordes em termos de dimensão e custo é o novo terminal internacional do aeroporto de Pequim, que está entre as maiores construções do mundo. Levantado em um tempo recorde de quatro anos, o prédio é dividido em três partes e tem três quilômetros de extensão entre um extremo e outro. Seu desenho ficou a cargo do arquiteto inglês Norman Foster, um dos mais renomados do mundo, vencedor do Prêmio Pritzker em 1999.

Outro projeto é o novo teatro nacional, desenhado pelo francês Paul Andreu e batizado pelos moradores da capital de “O Ovo”, em razão de seu formato. Feito de titânio e vidro, a construção é imensa e está próxima da Cidade Proibida e da Praça da Paz Celestial, o coração político da China. Mais que um ovo, ele parece um imenso olho em um espelho d'água. Para os brasileiros, é impossível entrar no lugar sem imaginar quantas árvores foram derrubadas para revestir toda a cúpula interna do teatro com mogno trazido da Amazônia.

Das três obras, a mais surpreendente é a nova sede da rede estatal CCTV, que o governo quer transformar em uma espécie de BBC chinesa. Projetado pelo arquiteto holandês Rem Koolhaas, vencedor do Pritzker em 2000, o edifício é formado por



A nova sede da TV estatal CCTV, projetada pelo holandês Rem Koolhaas, é uma das obras entregues a arquitetos estrangeiros na preparação para a Olimpíada. O edifício é um dos mais desafiadores do ponto de vista tecnológico já construídos em todo o mundo e tem a missão de refletir a imagem da nova China desejada pelo Partido Comunista.

duas torres inclinadas e conectadas nas extremidades, o que cria uma espécie de *looping* quadrado, com um enorme vão livre no meio. Tornar o desenho viável do ponto de vista técnico foi um desafio que coube ao escritório de engenharia inglês Arup, que atuou em várias das grandes obras de Pequim. Durante dois anos, uma equipe de cem *designers* e engenheiros trabalhou na busca de soluções para colocar em pé o projeto, um dos mais difíceis do ponto de vista tecnológico já concebidos em todo o mundo.

Enquanto transforma sua superfície, Pequim mantém intacta embaixo da terra uma lembrança bastante concreta dos tempos de Guerra Fria: uma cidade subterrânea que cobre uma área de 85 quilômetros quadrados, formada por inúmeros corredores e mil

abrigos antiaéreos. Construída por determinação de Mao Tsé-tung, essa outra Pequim teria capacidade para acomodar metade da população da cidade nos anos 1970, na hipótese de um ataque nuclear da vizinha União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) ou dos Estados Unidos. A outra metade teria que fugir para as montanhas.

NOTAS

- ¹ A tradução para o português de todos os textos em inglês citados no livro é da autora. A conversão de nomes e expressões em chinês para o alfabeto latino foi realizada de acordo com o sistema *pinyin*, com exceção dos casos em que o uso consagrou transliterações feitas com base no antigo modelo Wade-Giles, entre os quais o principal exemplo é Mao Tsé-tung. Em *pinyin*, o correto seria Mao Zedong.
- ² Cheryl V. Jackson, “McDonald’s Sets Sights on Asia”, em *Chicago Sun-Times*, 4 dez. 2006.
- ³ “‘China’s Broadway’ Taking Shape in Beijing”, em *China Daily*, 3 jan. 2009.
- ⁴ *The Economist*, 16-22 fev. 2008, v. 386, n. 8.567, pp. 30-2.
- ⁵ Antoaneta Bezlova, “Beijing Makeover Revives Debate about Megacities”, em *Asia Times*, 28 fev. 2004.
- ⁶ Pallavi Aiyar, “Hutongs: Repositories of a City’s History”, em *The Hindu*, 3 abr. 2007.